



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-907-3

DOI 10.22533/at.ed.073211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 2* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!
Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

PROFISSÃO CONTÁBIL E PODERES PÚBLICOS: CONTABILIDADE DO SETOR PÚBLICO E PROFISSIONALIZAÇÃO (1914-1926)

Adelino Martins

DOI 10.22533/at.ed.0732119031

CAPÍTULO 2..... 14

INDÚSTRIA, TERRITÓRIO E CULTURA: UM ESTUDO DE CASO DO EMPRESARIADO NIPO-BRASILEIRO

Adriano Amaro de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.0732119032

CAPÍTULO 3..... 29

VINCULAÇÕES ENTRE ESTADOS E NACIONALISMO, E SEUS CONCEITOS NOS SÉCULOS XIX E XX

Rafael Bassinello Paes de Barros

DOI 10.22533/at.ed.0732119033

CAPÍTULO 4..... 39

“EXCELLENTÍSSIMO CONSELHO”: ECONOMIA E SOCIEDADE EM SERGIPE DEL REY NAS ATAS DO CONSELHO DE GOVERNO DA PROVÍNCIA (1824-1831)

Damilis Silveira Viana

DOI 10.22533/at.ed.0732119034

CAPÍTULO 5..... 46

O FENÔMENO DO TRÁFICO E PROIBIÇÃO DE ENTORPECENTES NO BRASIL DE 1890 A 2020

Steven Adrian dos Santos

João Victor Mendes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0732119035

CAPÍTULO 6..... 56

“INFLUÊNCIAS POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICA, ABSORVIDAS DURANTE O PENSAMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA OPÇÃO BRASILEIRA E IMPERIALISTA”

Luis Claudio Reginato Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.0732119036

CAPÍTULO 7..... 62

ALTERIDADE E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS

Natalia Fioravanso Vieira Brizola

DOI 10.22533/at.ed.0732119037

CAPÍTULO 8..... 73

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO CANADENSE NA REDE INTELECTUAL INDIGENISTA TECIDA EM TORNO DA REVISTA *AMÉRICA INDÍGENA*

(1942-1960)

Natally Vieira Dias

DOI 10.22533/at.ed.0732119038

CAPÍTULO 9..... 81

A CONFORMAÇÃO DA ESCASSEZ DE ÁGUA NA BACIA DO RIO SANTA MARIA, MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Paulo José da Fonseca Pires

Elaine Prochnow Pires

DOI 10.22533/at.ed.0732119039

CAPÍTULO 10..... 95

NOTAS SOBRE O CINEMA BRASILEIRO DA “HEGEMONIA NEOLIBERAL” - 1992-2015

Peterson Soares Pessôa

DOI 10.22533/at.ed.07321190310

CAPÍTULO 11 106

“DAVID GRIFFITH’S MASTERPIECE” E OS AFRO-AMERICANOS: UMA ANÁLISE ACERCA DA RECEPÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NORTE-AMERICANA DA OBRA CINEMATOGRAFICA ‘O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO’

Carlos Vinícius da Silva

Larieli Ceron de Lima

Marcos Alves de Souza

DOI 10.22533/at.ed.07321190311

CAPÍTULO 12..... 116

COMPREENDENDO O REINADO DE RAMESSÉS III PARA ALÉM DE MEDINET HABU: BREVE ANÁLISE DE TRÊS DOCUMENTOS ESSENCIAIS

Arthur Rodrigues Fabrício

DOI 10.22533/at.ed.07321190312

CAPÍTULO 13..... 134

A QUESTÃO DA EXPLICAÇÃO EM HISTÓRIA: A CRÍTICA DE WILLIAM DRAY AO MODELO NOMOLÓGICO-DEDUTIVO DE CARL HEMPEL

Jacquelyn da Silva Souza

Sara Albieri

DOI 10.22533/at.ed.07321190313

CAPÍTULO 14..... 141

A HISTÓRIA SERIAL NOS ESTUDOS SOBRE A MORTE: REFLEXÕES ACERCA DOS TESTAMENTOS PAULISTAS (1592-1639)

Victor Mauric

DOI 10.22533/at.ed.07321190314

CAPÍTULO 15..... 149

UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A PRESENÇA LUSITANA NO LESTE ASIÁTICO DO SÉCULO XVI

Marcus da Silva Dorneles

DOI 10.22533/at.ed.07321190315

CAPÍTULO 16..... 157

MAPEANDO O UNIVERSO DE BEOWULF: CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO E GÊNERO LITERÁRIO

Vinicius Tivo Soares

Jaime Estevão dos Reis

Giovanni Bruno Alves

DOI 10.22533/at.ed.07321190316

CAPÍTULO 17..... 168

A LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA: REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL

Aline Ferreira Antunes

Flávia Cristina Paniago

DOI 10.22533/at.ed.07321190317

SOBRE A ORGANIZADORA..... 182

ÍNDICE REMISSIVO..... 183

COMPREENDENDO O REINADO DE RAMESSÉS III PARA ALÉM DE MEDINET HABU: BREVE ANÁLISE DE TRÊS DOCUMENTOS ESSENCIAIS

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 08/12/2020

Arthur Rodrigues Fabrício

Universidade Federal do Rio Grande do Norte –
Doutorando do PPGH/UFRN
Natal-RN
<http://lattes.cnpq.br/6278772372915459>

Uma primeira versão deste texto foi apresentada na ocasião do VIII Colóquio História & Espaços, ocorrido entre 30 de setembro e 02 de outubro do ano de 2019.

RESUMO: Segundo faraó da XX dinastia egípcia, Ramessés III (1187-1157 a.C.) governou durante o período conhecido como Reino Novo (1539-1077 a.C.). Durante seu longo reinado de três décadas, o faraó lidou com diferentes eventos que marcaram seu reinado e a própria história egípcia: de invasões de povos estrangeiros ao crescimento político-econômico do domínio de Âmon, em Tebas, a greves de trabalhadores envolvidos nas construções das tumbas e monumentos régios, até uma tentativa de regicídio no decorrer de um golpe gestado no seio da própria administração. Possivelmente a fonte mais conhecida para o estudo do reinado do terceiro Ramessés, o complexo templário de Medinet Habu, um dos últimos grandes templos erigidos na margem ocidental tebana, pode ser descrito como um rico espaço de memória e de tradição, documento histórico essencial para a compreensão deste singular momento.

Assim, propomos neste texto ampliar o escopo documental para a análise do reinado de Ramessés III, buscando, brevemente, apresentar e historicizar outras fontes relacionadas a este período, como o *Papiro Harris I*, o *Papiro de Greve de Turim* e o *Papiro Judicial de Turim*, enxergando-os enquanto possíveis reflexos de um contexto macropolítico mais amplo, que envolvia o Egito à época.

PALAVRAS-CHAVE: Egito Antigo, Ramessés III, Medinet Habu, documentos históricos.

UNDERSTANDING THE KINGDOM OF RAMESSÉS III TO BEYOND MEDINET HABU: BRIEF ANALYSIS OF THREE ESSENTIAL DOCUMENTS

ABSTRACT: Second pharaoh of the XX Egyptian dynasty, Ramesses III (1187-1157 B.C.) ruled during the period known as the New Kingdom (1539-1077 B.C.). During his long three-decade reign, the pharaoh dealt with different events that marked his reign and Egyptian history itself: from invasions by foreign peoples to the political and economic growth of the domain of Âmon in Thebes, to strikes by workers involved in the construction of the royal tombs and monuments, and even an attempt at regicide in the course of a coup gestated within the administration itself. Possibly the most well-known source for studying the reign of the third Ramesses, the Medinet Habu temple complex, one of the last great temples erected on the theban West Bank, can be described as a rich space of memory and tradition, an essential historical document for the understanding of this unique moment. Thus, we propose in this text to expand the documentary

scope for the analysis of the reign of Ramesses III, seeking, briefly, to present and historicize other sources related to this period, such as the Great Harris I Papyrus, the Turin Strike Papyrus and the Turin Judicial Papyrus, seeing them as possible reflections of a broader macro-political context, which involved Egypt at the time.

KEYWORDS: Ancient Egypt, Ramessés III, Medinet Habu, historical documents.

1 | INTRODUÇÃO: RAMESSÉS III E A XX DINASTIA PARA ALÉM DE MEDINET HABU

Após a morte do faraó Sethnakht (1190 – 1188 a.C.)¹, fundador da XX dinastia, Ramessés III, seu filho, é coroado rei do Alto e Baixo Egito, assumindo o controle de uma terra que ainda se recuperava do turbulento fim da dinastia anterior. Com o início do seu reinado, começa também o planejamento da disposição perpétua de uma memória de si, centralizada, principalmente, na construção do seu próprio complexo de culto real, cuja construção possivelmente começou por volta do quarto ano de seu governo (KITCHEN, 2012, p. 14-15). Esta tradição, iniciada ainda no Reino Médio pelo faraó Mentuhotep II (2009 – 1959⁺¹⁶ a.C.) – que erigiu para si um misto de tumba e templo escavado na montanha de Deir el-Bahari – torna-se o padrão almejado durante o Reino Novo para a maioria dos reis egípcios com reinados estáveis (WILKINSON, 2000, p. 180), sendo um importante espaço para a apresentação pública do rei enquanto “um tipo ideal” (HORNUNG, 1994, p. 243).

A própria história e desenvolvimento da cidade de Tebas se confunde com as dinâmicas de construção e alteração deste tipo de monumento ao longo do tempo, afinal Mentuhotep II constrói o templo supracitado no contexto da reunificação egípcia que marca o início do Reino Médio, adotando Tebas, pela primeira vez, enquanto capital do Egito. Parte integrante da elite local, não é apenas com objetivo de exercer um melhor controle e supervisão sobre nomarcas e oficiais, como afirma Callender (2000, p. 152), que Mentuhotep II escolhe Tebas enquanto capital. Havia naquela cidade toda uma estrutura societal composta por uma poderosa e influente elite que demandava, igualmente, uma atenção diferenciada, com uma apresentação pública arrojada em termos de memória, poder e propaganda. É neste contexto que Tebas passa a ser capital do Egito novamente durante a retomada do país do controle hicso, no advento do Reino Novo e da XVIII dinastia e, mesmo quando não era oficialmente capital, como durante o governo de Ramessés III, que oficialmente geria o Egito a partir da capital no Delta fundada por Ramessés II em meados de seu reinado, Pi-Ramessés, continuou sendo a capital religiosa, tendo em vista a proeminência do deus Âmon – principal divindade dinástica durante o Reino Novo - e da complexa estrutura templária e sacerdotal que se desenvolve ao redor desta divindade, bem como da tradição de enterrar reis e rainhas na montanha em Deir el-Bahari em suntuosas tumbas escavadas no que conhecemos hoje enquanto Vale dos Reis e Vale das Rainhas.

1. A datação aqui utilizada segue a proposta da obra *Ancient Egyptian Chronology* (2006), editada pelos egiptólogos Erik Hornung, Rolf Krauss e David Warburton.

Durante o Reino Novo os templos construídos por cada faraó no oeste de Tebas tornaram-se cada vez mais complexos e únicos, embora sigam, conforme afirmou Ciro Flamarion Cardoso (2012), um modelo de “templo axial posterior”² (2012, p. 34), composto por estruturas básicas, como “pilono ou grande pórtico, pátio aberto, sala hipóstila, sala das oferendas, santuário da barca divina, santo dos santos onde reside o deus [...] (estando) no interior de um terreno delimitado por um muro alto de tijolos” (CARDOSO, 2012, p. 34).

O complexo de culto real de Ramessés III, em Medinet Habu não foge a esse padrão. É composto por dois pilonos que dão acesso subsequente a dois pátios abertos; o segundo pátio, por sua vez, leva a colonada sala hipóstila (C), que demarca o início do santuário interno, das salas de oferendas, das barcas divinas, e do *sancto sanctorum* (G, imagem 1).

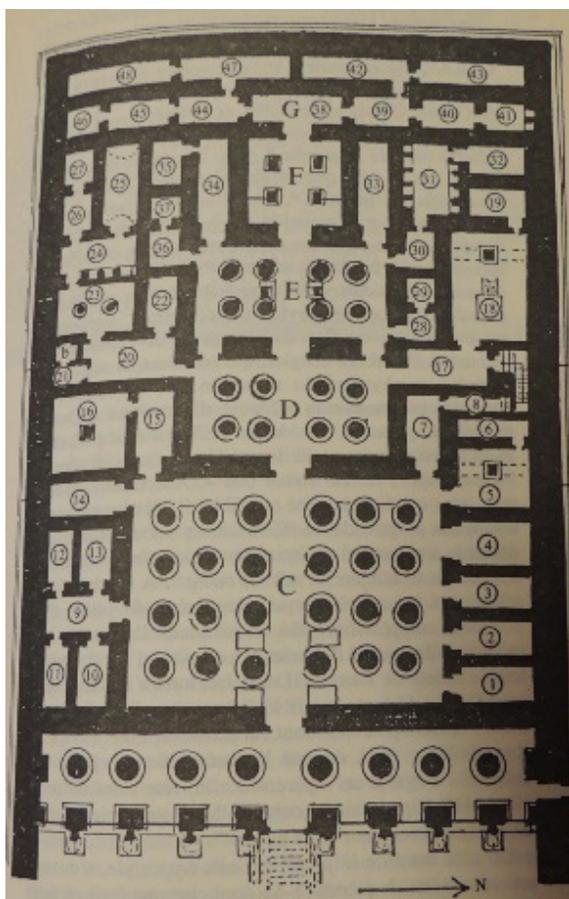


Imagem 1 - Santuário interno do templo de Ramessés III com numeração para identificação dos distintos espaços

Fonte: GRANDET, 1993, p. 125.

2. O termo axial se refere aqui ao sentido do templo, de leste a oeste, com sua entrada posta do lado leste. Todos os templos deste padrão seguiam esta orientação espacial.

Muito inspirado pelo próprio templo de Ramessés II, a quem Ramessés III admirava, conforme destacado por Grandet (1993, p. 60), Kitchen (2012, p. 18) e O'Connor (2012, p. 224-225), o templo de Medinet Habu é decorado em suas paredes externas – e aqui consideramos enquanto externas tanto as paredes que circundam a estrutura, quanto as paredes dos dois pilonos e dos dois primeiros pátios – de narrativas visuais e escritas com enfoque central na atuação bélica e comemorativa do faraó. Sendo assim, destacamos (imagem 2) os painéis com a narrativa de uma possível campanha contra os núbios antes do ano 5 de seu reinado; aqueles relativos a contendas contra líbios nos anos 5 e 11; painéis contendo registros da guerra contra os *povos do mar*, no ano 8; registros dos festivais de Sokar, Âmon e Min – no segundo pátio -; um calendário de festividades, na parede sul exterior, além dos grandes textos, como a Grande Inscrição do Ano 5, do ano 8 e o registro da guerra contra os líbios do ano 11.

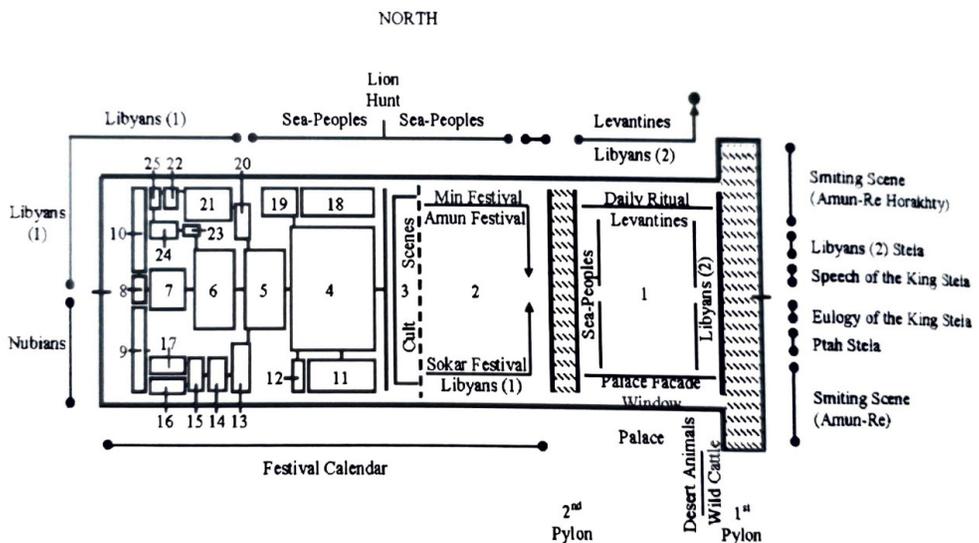


Imagem 2 – Organização do programa decorativo do templo de Ramessés III, em Medinet Habu

Fonte: O'CONNOR, 2012, p. 258.

Todas estas considerações sobre a importância do templo de Ramessés III, em Medinet Habu, servem para destacar a riqueza e variedade da documentação que dispomos, a partir deste recinto, para tratar do complexo reinado do terceiro Ramessés. No entanto, estas fontes só nos levam até certo ponto. Ponto este bastante inicial – que aborda aproximadamente a primeira década de seu reino - e parte de um mesmo conjunto retórico. Para pensar outros elementos deste momento da história egípcia dispomos de outras

fontes tão importantes quanto, que falam muito sobre os momentos finais do reinado deste faraó. Propomos, então, brevemente examinar três importantes documentos: o Papiro de Greve de Turim, o Papiro Judicial de Turim e o Papiro Harris I.

Começemos tratando, então, da greve ocorrida.

21 A GREVE DOS TRABALHADORES DE DEIR EL-MEDINA DO ANO 29: FONTES PARA SEU ESTUDO

Embora Edgerton, que publicou em 1951 *As Greves no Vigésimo Nono Ano de Ramessés III*³ admita que, “como sempre na Egíptologia nós não sabemos quando nem como o problema começou” (EDGERTON, 1951, p. 137), sugere-se que as raízes estão nas grandes doações de terras feitas aos mais importantes templos de Heliópolis, Mênfis e Tebas – bem como outras instituições menores – que teria gerado um desequilíbrio entre o estado e, principalmente, o domínio de Âmon e conjunto sacerdotal: ao final do reino de Ramessés III um terço das terras cultiváveis era propriedade dos templos e destas três quartos pertenciam a Âmon de Tebas. Como afirma o egiptólogo holandês Jacobus Van Dijk, “uma perda geral do controle sobre as finanças do estado e crise econômica foram o resultado; os preços dos grãos dispararam e as rações mensais para os trabalhadores em Deir el-Medina [...] logo atrasaram [...]” (VAN DIJK, 2000, p. 305-306), o que levou os trabalhadores a realizarem o que conhecemos, até então, como “as primeiras greves organizadas na história” (VAN DIJK, 2000, p. 306).

Os registros que compõe a narrativa deste momento da história egípcia são frutos do trabalho do escriba Amennakht, que originalmente era um pintor ou desenhista até ser apontado “escriba da Tumba” pelo vizir To, no ano 16, iniciando uma geração de escribas em sua família que durou ao menos seis gerações, até a XXI dinastia (EYRE, 2012, p. 117). Embora registrados pelas mãos de um escriba apontado pelo vizir, o conjunto documental que hoje chamamos de *Papiro de Greve de Turim* não é imediatamente reconhecido enquanto um registro administrativo do dia-a-dia de Deir el-Medina, como afirma Eyre, sendo melhor compreendido enquanto “uma coleção de relatórios semipessoais com o objetivo de documentar sua conduta oficial da melhor maneira possível durante esse período difícil, colocando as ações de outras pessoas em uma luz correspondentemente ruim” (EYRE, 2012, p. 120). Esta visão positiva sobre si, quase propagandística, registrada por Amennakht foi primeiramente observada por Edgerton (1951, p. 144-145) e posteriormente corroborada por Frandsen, que, a partir da análise da documentação adiciona que

Amennakht [...] parece ter sido um escriba honesto, capaz e influente que foi sempre muito leal a seus superiores e a sociedade. Ele devia seu trabalho ao vizir To e seus sentimentos de gratidão em relação a ele são bem

3. Trabalho entendido por Paul J. Frandsen enquanto o “estudo padrão do Papiro de Greve de Turim” (FRANSEN, 1990, p. 166), mesmo em 1990, quando publica a sua própria tradução.

documentados – ele até mesmo nomeou um de seus filhos em homenagem a To - [...]; Amennakht tinha o potencial e a oportunidade para ‘filtrar’ a realidade e então influenciar o curso dos eventos [...] (FRANSEN, 1990, p. 195-196).

É precisamente este tipo de atitude que podemos observar no óstraco Berlim P. 10633, o primeiro registro a mencionar a reclamação dos trabalhadores:

Ano 29, 2º Akhet, 21: neste dia, através do escriba Amennakht (veio) a reclamação dos trabalhadores, dizendo: “20 dias se passaram no mês, e nós não recebemos ainda nossas rações-grãos.”. Ele foi até o templo de Djoserkheprure Meriamun (Horemheb), no Estado de Âmon, e de lá trouxeram 46 sacos de grãos. Eles foram dados a eles no 2º Akhet, 23. O vizir To foi promovido para ser Vizir do Sul e do Norte. (KITCHEN, 2008, p. 416-417).

A partir deste trecho duas coisas podemos destacar: quatro meses antes do início dos registros no próprio *Papiro de Greve de Turim* já havia uma situação de dificuldade emergindo, com um atraso de mais de 20 dias do pagamento daqueles trabalhadores. O escriba, então, parece ter utilizado de sua influência para resolver momentaneamente a situação, recorrendo aos estoques de grãos do templo de Horemheb para que fossem distribuídos dali a dois dias. Concomitantemente, registra a promoção de To, seu benfeitor, quem o havia colocado no posto de escriba, a vizir tanto do Alto, quanto do Baixo Egito, em uma – das várias - demonstrações que Eyre caracteriza enquanto “quase patrão-cliente [...] uma afirmação de relacionamento pessoal, lealdade e acesso” (EYRE, 2012, p. 118).

Quatro meses depois, no dia 10 do 2º mês do Peret, Amennakht realiza o primeiro registro no que viria a ser o *Papiro de Greve de Turim*:

Ano 29, segundo mês do inverno, dia 10. Neste dia a equipe passou os cinco postos-de-guarda da Tumba⁴ dizendo: ‘Nós estamos com fome, pois 18 dias já se passaram neste mês’; e eles se sentaram no fundo do templo de Tutmés III. O escriba da tumba anexa, os dois capatazes, os (dois) representantes e os dois inspetores vieram e gritaram para eles: ‘venham para dentro’. Eles fizeram grandes juramentos (dizendo): ‘Por favor voltem, nós temos assuntos do Faraó’. Eles passaram o dia neste lugar e a noite na tumba. (EDGERTON, 1951, p. 139; FRANSEN, 1990, p. 168-171).

Este é o tom da quase totalidade do documento. Os trabalhadores, ao longo dos quatro meses de registros reclamam de suas situações precárias, da falta não somente de alimentos, como também de vestimentas e unguentos⁵, realizando atos nos templos de Tutmés III (EDGERTON, 1951, p. 139 e 143; FRANSEN, 1990, p. 168-171), Ramessés II (EDGERTON, 1951, p. 139 e 144; FRANSEN, 1990, p. 177-178 e 193), Merneptah (EDGERTON, 1951, p. 141; FRANSEN, 1990, p. 192), Seti I (EDGERTON, 1951, p. 142)

4. Segundo Frandsen, a ‘Tumba’ era o termo que compreendia a tumba do faraó reinante e a organização laboral responsável por sua construção, me uma acepção que identifica a “comunidade de trabalhadores” (FRANSEN, 1990, p. 168).

5. Como no registro do segundo mês do inverno, dia 12: “[...] O panorama de fome e de sede nos levou a isto; não há vestimentas, não há unguentos, não há peixes, não há vegetais. Transmita ao Faraó, nosso bom senhor, sobre isto, e transmita ao vizir, nosso superior, para que nos sejam fornecidas provisões.” (FRANSEN, 1990, p. 178).

e do próprio Ramessés III (EDGERTON, 1951, p. 143; FRANDSEN, 1990, p. 173). São registrados também insinuações de possíveis roubos de tumbas, como a do trabalhador Mose, filho Aanakhte, que também pragueja contra o faraó e, assim, espera sua punição (FRANDSEN, 1990, p. 185-186). Ainda, registrou-se denúncias de depredação da tumba de Ramessés II, do roubo de um boi marcado com o símbolo do templo de Ramessés II, o Ramesseum e do intercurso entre trabalhadores e três mulheres casadas (FRANDSEN, 1990, p. 193-194).

Todos esses registros enriquecem nosso conhecimento acerca dos detalhes da vida dos trabalhadores, em uma documentação que pode muito bem ser utilizada para compor uma abordagem de ‘história vista de baixo’. No entanto, como esta documentação pode auxiliar-nos a pensar a problemática do templo de Medinet Habu, de Ramessés III, enquanto centro de seu projeto de memória?

Brevemente, tendo em vista o caráter deste breve texto, podemos apontar alguns importantes elementos. Em primeiro lugar, este tipo de documentação depõe contra a idealização do templo egípcio enquanto espaço sagrado, enclausurado e restrito: vemos em diversos registros o fluxo de trabalhadores grevistas acessando os templos, sob protestos dos superiores e do escriba Amennakht, ocupando até mesmo seu interior. Interior e exterior, aliás, que faz parte do nosso segundo ponto elencado: argumentamos em outros trabalhos (FABRICIO, 2016, p. 18) que a disposição arquitetônica do templo de Medinet Habu e o próprio programa decorativo deste poderiam delimitar uma área mais externa, voltada a memória do rei, de suas guerras e festivais, uma memória que pretendia-se cultural aos moldes daquela pensada por Jan Assmann (1995; 2008; 2011), e uma área mais interna, exclusivamente destinada ao sagrado e às atividades cúlticas ali realizadas. Ora, não é a este tipo de relação que o escriba teria feito referência ao registrar no dia 10 do segundo mês de inverno, “Toda a equipe passou pelos cinco postos-de-guarda da Tumba. Eles alcançaram a *parte interna* do templo do Faraó [...]” (FRANDSEN, 1990, p. 173).

Uma terceira questão interessante a se destacar é a forma como neste tipo de documentação que, pretensamente, registrava depoimentos e falas dos trabalhadores, estes adereçavam a Ramessés III, em espectros que variam do absoluto respeito, ao tratá-lo enquanto ‘meu bom senhor’ (FRANDSEN, 1990, p. 178 e 193), à admissão, como mencionamos acima, de praguejos contra o faraó - passando pela ocupação, mesmo que momentânea e movida pelo desespero, dos templos não somente do faraó reinante, mas de diversos outros. Outrossim, o faraó é visto por alguns, como pelo trabalhador Penanuke, que denunciou a depredação da tumba de Ramessés II e o roubo do gado do templo deste, enquanto a última estância que resolveria as situações delatadas, como aquele que realmente se recorre em último caso para garantir justiça (FRANDSEN, 1990, p. 194).

Passemos agora para uma breve análise dos eventos e documentos relacionados a tentativa de *coup d’État* apelidada pelos egiptólogos de *Conspiração do Harém*.

3 I A CONSPIRAÇÃO DO HARÉM: FONTES PARA SEU ESTUDO

Em sua análise dos eventos relacionados, Grandet sintetiza o sentimento e o entendimento dos “historiadores do Antigo Egito” (GRANDET, 2005, p. 107). Para ele, *A Conspiração* teria sido:

um complô nascido no harém real no extremo fim do reinado de Ramessés III, que supomos deveria ter o objetivo último, [...], de fazer ascender ao trono dos faraós outro pretendente que não seu herdeiro legítimo, e que, por vezes, pensa-se que tinha uma finalidade acessória ou efeito secundário (que) era pôr um fim abrupto aos dias do antigo soberano (GRANDET, 2005, p. 107).

Deste grande complô teriam feito parte diversos funcionários do alto escalão da corte de Ramessés III, como chefes de departamentos, copeiros reais, escribas, sacerdotes, chefes do tesouro real e comandantes do exército e da polícia, além da participação das mulheres do harém e dos funcionários vinculados aquele local, como superintendentes dos aposentos reais, escribas dos aposentos reais, inspetores do harém, entre outros funcionários em altas posições.

Assim como a documentação que registrou os ocorridos do contexto das greves do ano 29, tratam-se de papiros administrativos, com textos puramente escritos em bom hierático, “belamente escritos com letras entre 3 e 4 centímetros e 5 centímetros de espaçamento entre as linhas horizontais” (REDFORD, 2008, p. 3), como pontua Susan Redford – o que reforçaria o cuidado na produção e o caráter de importância deste documento -, mas de um estilo que flutua entre o judicial e o investigativo, envolvendo os diversos indivíduos acusados (REDFORD, 2008, p. 3).

Os documentos que compreendem toda a narrativa conhecida estão fragmentados em vários papiros com estados de conservação diversos. São eles: o *Papiro Judicial de Turim* (atualmente no Museu Egípcio de Turim), o *Papiro Rollin* (Biblioteca Imperial de Paris), o *Papiro Lee* (British Museum), o *Rifaud I e II* (material original perdido; conhecemos as cópias do século XIX⁶) e o *Papiro Varzy* (Museu Municipal Auguste Grasset, em Varzy). De acordo com a suposição de alguns especialistas, estes papiros poderiam ter formado na Antiguidade um único documento com mais de cinco metros de comprimento por cinquenta centímetros de largura, com os registros dos julgamentos que ocorreram, de modo a sintetizar os resultados (REDFORD, 2008, p. 3; SNAPE, 2012, p. 412), mas podem ter sido propositalmente cortados em pedaços por ladrões de antiguidades, interessados em conseguir mais dinheiro com as vendas a colecionadores (REDFORD, 2008, p. 4).

No mais longo e mais bem preservado destes documentos, O *Papiro Judicial de Turim*, somos informados que Ramessés III teria comissionado um grupo de doze notáveis funcionários para julgar “os abomináveis da terra” (KITCHEN, 2008, p. 297). Já no início se estabelece uma velha polêmica há pouco superada por um novo estudo - em 2012 - da múmia de Ramessés III: o rei teria sido morto, ou não, durante o complô? Se ele está

6. Localizações baseadas em informações livres da internet e a partir de REDFORD, 2008, p. 3-5.

morto, seria Ramessés IV o promotor deste julgamento póstumo? As novas evidências, possibilitadas pelo estudo colaborativo de pesquisadores de diversas áreas, como antropologia, ciência forense, radiologia e genética, sugerem que Ramessés III foi morto por um corte na garganta que chegou a atingir vértebras da coluna cervical, danificando todos os órgãos e estruturas da região, como a traqueia, o esôfago e vasos sanguíneos, causando sua morte imediata (*BMJ*, 2012, p. 39-40). A este fato, se juntam algumas outras evidências, como a retórica fala do rei:

Quanto a tudo que foi feito (em relação ao julgamento, que ele afirma não ter se envolvido), foram eles (a corte) que fizeram; (então) deixe tudo que eles fizeram estar em suas cabeças, enquanto eu estou salvaguardado e protegido para a eternidade, (assim) como eu estou entre os justos reis que estão diante de Âmon-Rê, Rei dos Deuses, e diante de Osíris, Governante do Eterno. (KITCHEN, 2008, p. 297).

Neste exemplo, e em diversos trechos do papiro Rifaud em que Ramessés III é descrito enquanto ‘grande deus’, denominação comum para faraós já falecidos (KITCHEN, 2008, p. 303-305), torna-se mais clara a condição do rei morto e de um julgamento pós-morte, promovido por seu filho e herdeiro Ramessés IV. Sigamos com isto em mente.

Ainda no *Papiro Judiciário de Turim*, logo em seu começo, durante o registro da acusação e sentença do primeiro criminoso, ficamos sabendo, rapidamente, do que teria ocorrido, de onde a trama partiu e dos envolvidos, assim como temos a primeira menção da rainha Tiyi, mãe de Pentaweret, o príncipe que teria sido a opção dos conluídos para a sucessão do rei⁷:

O grande criminoso, Peibakkamen, que fora o Chefe de um Departamento – ele foi trazido, porque ele esteve em conluio com Tiyi e as mulheres do harém. Ele fez causa comum com elas, ele começara a tomar suas mensagens (‘palavras’) para suas mães e seus irmãos que estavam lá, dizendo: “Incite as pessoas! Incite hostilidade!”, para armar uma rebelião contra seu Senhor.

Ele fora colocado ante os grandes oficiais do Tribunal de Exame; eles examinaram seus crimes e eles acharam que ele realmente os cometera. Seus crimes o prenderam; os oficiais que o examinaram fizeram sua punição recair sobre ele (KITCHEN, 2008, p. 298).

Alguns temas centrais se repetem ao longo da documentação. O fato de os acusados terem se aliado às ‘mulheres do harém’ é um deles, sendo a causa de várias condenações, assim como a falha em reportar eventos relacionados a conspiração, por parte dos funcionários do harém, causa da condenação de ao menos treze deles mencionados no *Papiro Judicial de Turim* (KITCHEN, 2008, p. 298-301).

7. É válido supor, com base na documentação que chegou até nós, que no advento de sua morte, Ramessés III ainda não havia, oficialmente, adotado um sucessor, o que deu margem para o clamor de Pentaweret. Grandet chega a levantar a possibilidade de, analisando a múmia de Ramessés III, o rei estar severamente debilitado por uma avançada arteriosclerose que limitaria em demasia suas capacidades físicas e intelectuais (GRANDET, 2005, p. 116), o que teria promovido ainda mais a difícil situação.

Duas outras situações merecem destaque neste curto trabalho. A primeira refere-se a presença de membros do exército na trama, como demonstra um dos trechos do papiro:

O grande criminoso Binemwaset, que fora Comandante de Tropas de Kush. Ele fora trazido, devido à mensagem que sua irmã, que estava na comitiva do harém, enviara a ele, dizendo, "Incite as pessoas, organize oposição ('faça hostilidade') e venha organizar a rebelião contra seu Senhor".

Ele fora colocado perante Qadendennu, Baa-mahir, Pa-iru-swunu e Thut-rekhnufer; eles o examinaram, eles o acharam culpado, e eles fizeram sua punição recair sobre ele (KITCHEN, 2008, p. 300).

Binemwaset, pseudônimo que significa *Mal-em-Tebas*, certamente não era seu nome correto, mas um adequado para o registro da gravidade de seus crime, cuja punição também seria o esquecimento que carregaria consigo enquanto marca para a além-vida (GRANDET, 1993, p. 331). O comandante das tropas de Kush não foi o único membro do exército a participar, havendo também registros da participação de um tal Pei-is, um general (KITCHEN, 2008, p. 300), Tayinakhe, um soldado das tropas (KITCHEN, 2008, p. 301) e mesmo de Nanayu, um chefe de polícia (KITCHEN, 2008, p. 302), deixando escancarada a extensão e complexidade da conspiração.

A segunda situação a que nos referimos é ao uso de magia na execução dos planos dos conspiradores. Um dos acusados presentes em uma das listas do *Papiro Judicial*, de nome Prakamenef, foi listado como um mago (GRANDET, 2005, p. 112; KITCHEN, 2008, p. 300) que teria participado do conluio. Já os papiros Rollin e Lee, cujas conservações não nos permitem afirmar com certeza que Prakamenef seria o responsável, detalha o uso de magia:

Rollin:

Ele começou a preparar escritas mágicas para banir e confundir (pessoas), (e) a fazer alguns deuses de cera, e algumas pessoas para fazer com que os membros das pessoas ficassem fracos. Eles (escritas e figuras em cera) foram entregues a Peibakkamen [...] e para outros grandes criminosos.

[...]

Quando ele entendeu (que eles eram) crimes dignos de morte que ele cometera, então ele tirou a sua própria vida. (KITCHEN, 2008, p. 302).

Lee:

Ele começou a produzir figuras de cera e escritos, para que eles fossem levados para dentro pelas mãos do agente (ou inspetor) Eli-ram, dispensando um grupo de sentinelas e enfeitando os outros; então, algumas mensagens

foram levadas para dentro, e outras foram trazidas para fora. (KITCHEN, 2008, p. 303).

Estes trechos nos permitem entender melhor a dinâmica da conspiração e do acesso ao harém: as figuras eram produzidas no exterior e só então contrabandeadas para dentro, com a ajuda de altos funcionários do local, como o já citado, anteriormente, Peibakkamen, o primeiro criminoso listado no *Papiro Judicial de Turim*. Novamente, atestamos a participação de diversos estratos da sociedade: das mulheres do harém, a comandantes do exército, passando até mesmo por mágicos que, com a ajuda desses funcionários, teriam espalhado feitiços para facilitar a trama pensada pelos conspiradores.

Pensando na riqueza de informações que este tipo de fonte privilegia, possivelmente a extensão da conspiração em tantos grupos e funções sociais distintos seja o mais interessante quando a relacionamos com o templo de Ramessés III, em Medinet Habu. Afirmamos no começo deste texto que a cidade de Tebas – em que Ramessés III, inclusive estaria durante os eventos da conspiração, conjectura-se⁸ - era composta por uma poderosa e influente elite que demandava uma atenção diferenciada e que o templo do faraó reinante poderia ser visto enquanto uma poderosa ferramenta de propagação memória, poder e legitimação. A existência de uma elite insatisfeita, composta por sacerdotes, altos funcionários e até mesmo importantes membros do exército e da polícia, reforçam este tipo de pensamento. Além disto, cabe-nos salientar que a XX dinastia havia começado a pouco: seu pai, e fundador deste novo momento da história egípcia, governara por três curtos anos, tendo o Egito saído também recentemente de uma situação de instabilidade durante o final da XIX dinastia (VAN DIJK, 2000, p. 303-304; KITCHEN, 2012, p. 2-3). Perguntamos, então: Medinet Habu poderia ser não somente um templo, um edifício, mas um ato político em plena cidade de Tebas? Poderia Ramessés III, em defesa de seu direito ao trono e da continuidade de seu reinado, ter cuidadosamente planejado o grande projeto construtivo de seu governo enquanto uma demonstração de força e organização política para uma sociedade dividida?

Vejamos se o Papiro Harris I pode nos fornecer mais pistas acerca disto.

4 | O FIM DO REINADO DE RAMESSÉS III: FONTES PARA SEU ESTUDO

O *Papiro Harris I* é o maior documento em rolo de papiro já encontrado no Egito. Trata-se de um material com uma largura média de 42cm e uma extensão de 42m, adquirido, em Luxor, em 1855 pelo negociante e colecionador britânico Anthony Charles Harris (1790-1869) e, posteriormente, em 1872, após a morte de Harris, vendido ao *British Museum*, juntamente com um conjunto extenso de outros documentos (GRANDET, 2005, p.

8. De acordo com Van Dijk (2000), o enredo da conspiração teria se originado no harém real em Pi-Ramessés, onde um dos funcionários mencionados na documentação judicial, Paury, o escriba do harém, teria uma casa (p. 306). Em contraposição, Grandet e Redford argumentam por um desenrolar dos eventos em Tebas, local em que o rei estaria vivendo para a celebração de um festival em honra a sua coroação (GRANDET, 2005, p. 121; REDFORD, 2008, p. 92).

3). O *Papiro Harris I* era o mais completo e importante documento daquele lote e, por isso, tornou-se o ‘Primeiro’, em referência a todo o conjunto documental associado.

Supõe-se que o documento, que tem origem associada com a famosa pilhagem de tumbas reais tebanas ao final da XX dinastia (GRANDET, 2005, p. 5), seria originalmente parte de um arquivo templário, possivelmente no próprio templo de Medinet Habu (SNAPE, 2012, p. 406). Já para Pierre Grandet, egiptólogo francês responsável pelo mais minucioso estudo acerca deste documento, que aqui seguimos de perto, o documento passou a habitar um *cache*, um esconderijo, ao final do Novo Império, uma vez que a administração da necrópole desta época necessitou esconder eventualmente, da ação de ladrões, alguns documentos que possuía, sugerindo a partir das notas do próprio Harris que a localização deste *cache* ficava por trás do templo de Medinet Habu, em um vale que leva a Deir el-Medina, a uma distância de apenas 68 metros do muro externo do templo (GRANDET, 2005, p. 6-7).

O conteúdo do papiro em si, que em 1858 foi desdobrado e particionado em 80 pranchas para análise, está organizado em algumas seções: um breve *sumário* sintetizando e adiantado o conteúdo do documento (prancha 1); um *discurso aos deuses* (pranchas 2-74) em que está incluso subseções referentes a Tebas (pranchas 2-23), Heliópolis (prancha 24-42), Mênfis (pranchas 43-56), a Pequenos Templos (pranchas 57-66), e uma Recapitulação das Listas (pranchas 67-74), essas subdivididas, por sua vez em uma vinheta, que antecede um breve discurso real, seguido por listas de caráter econômico e administrativo e uma súplica aos deuses; em seguida, encontramos um *discurso aos humanos* (pranchas 75 a 79), seguido de uma *peroração* (pranchas 79 a 80), encerrando o conteúdo do longo documento.

Mas o que seria o *Papiro Harris I*? Nas palavras de Grandet, trata-se de “um gigantesco discurso onde Ramessés III, defunto, teria exposto objetivamente e retrospectivamente, à intenção dos deuses e dos humanos do Egito, a integralidade das benfeitorias que ele havia feito em favor deles na terra” (GRANDET, 2005, p. 45). Ainda, para o autor, pode-se entendê-lo como um “gigantesco (e fictício) discurso autobiográfico de Ramessés III” (GRANDET, 2005, p. 52), que tenta persuadir um ouvinte, ou leitor, eventual do caráter benéfico do reino do terceiro Ramessés, que, embora já estivesse morto, sendo claramente apresentado desta maneira na documentação, tenta convencer que agiu, em parceria e respeito as divindades, da maneira evocada no *sumário*, nas *súplicas* que encerram os discursos aos deuses e na *peroração* que conclui todo o documento. Vejamos um exemplo deste tipo de discurso:

Sumário:

[...] O rei do Alto e Baixo Egito (Usermaatê-Meriamun), o filho de Rê (Ramessés Héqaiounou, ou Ramessés o príncipe de Iouniu – Heliópolis), o *deus grande*, diz, ao apresentar sua homenagem respeitosa, os hinos, as

orações, as bênçãos e as inúmeras ações que ele realizou como rei, como soberano, (quando estava) na terra, - [em favor do] domínio de seu pai augusto Amonrasother⁹, de Mut, de Khonsu e dos deuses senhores de Tebas [...]

[...]

Assim como os excelentes benefícios que ele alcançou em favor dos habitantes do país de Kemet e de todos os países, a fim de lista-los exaustivamente, de uma (única) vez, para que (seus) pais, os deuses e deusas senhores do Alto e Baixo Egito, (assim como) todos os seres humanos [...] conheçam as numerosas benfeitorias e os altos feitos incontáveis que ele alcançou (quando estava) sobre a terra, como um grande soberano de Kemet. (GRANDET, 2005, p. 221).

Assim, com base neste tipo de retórica recorrente, Grandet propõe classificar o *Papiro Harris I*, de maneira geral, “na vasta família de textos de propaganda” (GRANDET, 2005, p. 48). Uma propaganda que não tinha como principal interessado Ramessés III: o documento fora compilado e escrito após sua morte por seu sucessor, Ramessés IV, o responsável por colocar tais palavras na boca do falecido pai. Neste sentido, dois tipos de pedidos se destacam no papiro, o primeiro que visa uma pós-vida adequada para Ramessés III, e o segundo que pede para seu filho e sucessor um reinado ideal. Destarte, de acordo com a análise de Grandet, são 49 pedidos em prol de Ramessés IV contra 20 em relação ao falecido rei, mais do que o dobro (GRANDET, 2005, p. 102). É no texto da peroração que podemos observar com maior precisão este exposto sentido que visa o benefício político de Ramessés IV:

Prendam-se às suas sandálias! Cheirem o chão na frente dele! Curvem-se para ele! Sirvam-no em todos os momentos!

Adorem-no! Mostrem-no respeito! Exaltem sua perfeição como fazem para Rê no amanhecer!

Conduzam para ele seus presentes para seu augusto palácio! Tragam-lhe presentes do país (do Egito) e dos países (estrangeiros)!

Preencham-se de suas palavras e de seus decretos pronunciados no meio de vocês! Estejam atentos a seus discursos e vocês serão preservados de sua cólera!

Trabalhem para ele como um só homem em todos (os tipos de) trabalhos: construam para ele monumentos, cavem para ele canais!

9. Amôn-Rê-rei-dos-deuses, uma forma tebana de Âmon que invoca Âmon-Rê e celebra a união nos dois deuses de seu caráter universal. Para mais detalhes, consultar CHABY; GULDEN, 2014, p. 292.

(Se) tudo que seus braços possam fazer, façam por ele, vocês receberão seus agradecimentos e ficarão cheios de comida que ele fornecerá todos os dias.

Âmon decretou para ele um reino terrestre e ele aumentará seu tempo de vida mais do que qualquer outro rei [...] (GRANDET, 2005, p. 340).

Quando somamos este tipo de discurso, costumeiramente chamado de *Ensino de Ramessés III*, com as evidências da conspiração do harém, mencionadas anteriormente, temos indícios suficientes para afirmar que estava em curso um verdadeiro esforço em prol da legitimação de Ramessés IV enquanto adequado sucessor do falecido rei. Todos os elementos estariam dispostos: o pertencimento a uma linhagem real, ascendência divina, eleição pessoal pelos deuses e a conformidade de seus atos para com o exercício da função (GRANDET, 2005, p. 15). Para alcançar o objetivo, toda a máquina de propaganda da realeza estava sendo empregada para convencer as elites, diretamente envolvidas no complô, da viabilidade do reinado do novo Ramessés, incluindo o próprio templo de Medinet Habu.

De acordo com os estudos de Grandet, há um alto grau de influência dos chamados *ensinamentos de Amenemhat I^o* com a peroração de Ramessés III, presentes no *Papiro Harris I*, e que aquele deveria ser um texto amplamente conhecido, constituído em um modelo para outros textos desta natureza, e certamente disposto publicamente, afixado para ser visto (GRANDET, 2005, p. 122). Com base nisto, o autor sugere a possibilidade do *Papiro Harris I* ser um “gigantesco cartaz” (GRANDET, 2005, p. 123), exibido no dia do enterramento de Ramessés III e da coroação de Ramessés IV, e ainda vai mais além ao sugerir que o *Papiro Judicial de Turim*, documento do mesmo período, também deveria ter sido exibido e afixado no templo de Medinet Habu, principal templo faraônico à época, uma vez que ambos foram redigidos em hierático, em grandes papiros, com divisões que facilitam a exposição e com nada, nenhuma inscrição, em seus versos¹¹ (GRANDET, 2005, p. 124). Em suma, ao expor a documentação do fim do reinado de Ramessés III, principalmente o *Papiro Harris I*, confeccionando e divulgando uma grande autobiografia do falecido rei, o objetivo de Ramessés IV, o real proponente de tal publicação, era fazer com que as elites reconhecessem seus deveres e renovassem seus interesses pela continuidade dinástica e pela ordem normal de sucessão (GRANDET, 2005, p. 117).

Fica, então, a pergunta: por que exibir este tipo de documentação no templo de Medinet Habu, na margem oeste tebana? Por que não o fazer em Pi-Ramessés, a verdadeira capital administrativa do reino, ou mesmo no templo de Karnak, principal

10. Primeiro faraó da XII dinastia (1939⁺¹⁶ – 1760), teria inscrito suas instruções, em forma de um curto monólogo, a seu filho Senusret I.

11. Indo ainda mais além em seu argumento, Grandet chegou a preparar um *fac-símile* do documento, para testar a leitura do mesmo à distância. Constatou, de acordo com seus apontamentos, que a leitura confortável pode ser feita em uma distância de 2 a 3m, afirmando ainda a dificuldade da manipulação do imenso documento que, seus testes, o ato de enrolá-lo teria levado, ao menos, 10 minutos (GRANDET, 2005, p. 124-125).

instituição religiosa de todo o Egito durante o Reino Novo? Uma vez mais, recorreremos ao *Papiro Harris I* para brevemente tentar responder a esta questão.

Em seu discurso aos deuses, dividido em contribuições para diversas cidades, - com destaque para Tebas, Heliópolis e Mênfis -, é justamente a seção tebana que possui a maior quantidade de benesses e, conseqüentemente, uma descrição mais extensa. O rei afirma para Âmon de Tebas:

Eu fiz para ti uma mansão augusta de milhões de anos, instalada na montanha de Neb-Ankh, na sua frente, construída em pedra de arenito, em quartzo e em pedra (de granito) preto, (com) uma parte de ouro e de cobre. Seus pilonos de pedra (em tamanho) olham para o céu, (portando) inscrito, esculpido em cinzel, o grande nome de Sua Majestade. Eu construí ao redor dela uma muralha perfeita, munida de entradas monumentais (com) torres de flancos em pedra de arenito. Eu cavei na frente dela um canal cheio de água, plantei árvores e plantas como o Baixo Egito.

Eu enchi seus tesouros de bens (provenientes) de (diferentes) regiões de Kemet, como ouro, prata e todo tipo de pedras preciosas, em centenas de milhares. Seus silos de cereais transbordam de grãos e sementes. Seus campos e seus rebanhos são inumeráveis como a areia das margens. Eu aloquei tanto o Alto como o Baixo Egito; To-Sety e Djahy¹² são responsáveis por seus produtos, entretanto ele está cheio de prisioneiros que tu me deste entre os Nove Arcos, assim como os jovens que eu formei em dezenas de milhares. Eu forjei para ti uma grande imagem de culto que lá foi instalada, e que o nome augusto é: 'Âmon-que-se-uniu-a-eternidade', e que foi ornada de pedras preciosas verdadeiras, como o horizonte; estamos felizes em contemplá-lo! Eu fiz para ela, de ouro perfeito, os recipientes da mesa de oferendas assim como outros em prata e em cobre, (em quantidade) ilimitada. Eu fiz inúmeras oferendas divinas apresentadas diante de ti, em pão, vinho, cerveja, gansos gordos, bois, bezerros, bois com chifres curtos e bovinos inumeráveis, oryx que são trazidos para as gazelas, seu (da estátua) abatedouro. [...] (GRANDET, 2005, p. 227).

De acordo com Grandet, por meio da lógica de *dimishing progression* - em que a ordem dos termos descritos vai do geral ao particular, do superior ao inferior, do central ao periférico - Ramessés III evoca a construção de Medinet Habu como a grande obra arquitetônica do reino, sendo a primeira benesse apresentada no contexto tebano (GRANDET, 2005, p. 55). Seria nesse templo, opulentemente construído, repleto de riquezas e provisões, seu complexo de culto real, que sua memória, associada à Âmon (O'CONNOR, 2012, p. 210), encontraria o suporte necessário para se perpetuar *ad aeternum*, sendo experienciada não somente por sacerdotes em suas atividades cúlticas do dia-a-dia, mas também por parte da sociedade, envolvida nas dinâmicas das festividades sazonais, como a Bela Festa do Vale e o Festival de Opet,

Indo ainda mais além na análise do documento, ao esmiunçar as listas de doações do *Papiro Harris*, percebe-se que Ramessés III teria oferecido aos domínios divinos, ao longo

12. Respectivamente, a Núbia e a Síria-Palestina (GRANDET, 2005b, p. 18).

de seu reino, 107.615 pessoas e 1.071.780 *aurores* de terras cultiváveis (aproximadamente 2.954,33 km²). Em termos comparativos, Grandet afirma que seriam, aproximadamente, 3% da população egípcia à época e 15% das terras cultiváveis, de um total de 20.000 km². As divisões destas doações, por sua vez, não eram feitas de modo igualitário, tendo o domínio de Âmon, em Tebas, recebido mais de 80% das doações. Neste contexto, de acordo com a lista A da seção tebana do papiro, o templo de Medinet Habu aparece como a principal instituição fundada por Ramessés III, que teria alocado mais de 62 mil pessoas a seu serviço – o que representaria 58% do total de pessoas destinadas aos templos (GRANDET, 2005, p. 89-91).

Em síntese, temos algumas importantes evidências documentais que reforçam enormemente o caráter central do templo de Ramessés III, em Medinet Habu, para o seu próprio reinado e para o seu projeto de memória, que certamente não se encerra com sua morte. A elaboração do *Papiro Harris I* em um contexto de disputa pelo trono, perpassaria uma imediata necessidade por legitimação política que visaria angariar apoio de uma antiga e orgulhosa elite, capaz de garantir a continuidade necessária a uma dinastia ainda muito tenra.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos que nosso estudo sobre o complexo de culto real de Ramessés III, em Medinet Habu, e sobre a possibilidade deste compor um extenso projeto de memória do faraó, só nos levou até certo ponto da história do Egito Antigo e da XX dinastia. Havia uma necessidade inexorável de analisar outras fontes deste reinado para além do próprio templo, que pudessem nos prover de novos dados, novos indícios, acerca da continuidade do reinado do terceiro Ramessés. Por meio de uma breve análise destes três vastos conjuntos documentais por ora analisados – *O Papiro de Greve de Turim*, *o Papiro Judicial de Turim* e *o Papiro Harris I* – ficamos cientes de uma complexa greve de trabalhadores especializados, de suas queixas e estratégias – que atravessam e ultrapassam os limites do exterior e interior dos sacros templos - para contornar o grave problema que os assolava, bem como da atuação da máquina burocrática para resolver as demandas ali levantadas; igualmente, nos demos conta da complexa trama envolvendo os conspiradores que desejavam emplacar um novo sucessor para o trono do Egito, com um príncipe com menor clamor, Pentaweret: por meio da documentação, ficamos sabendo dos crimes e punições derivadas do julgamento organizado por Ramessés IV, que já se encontrava em plena disputa pelo poder e pela manutenção do seu próprio reinado; por fim, nos atentamos ao grande testamento-propaganda de Ramessés III, uma imensa autobiografia patrocinada por Ramessés IV enquanto instrumento para sua autolegitimação que possivelmente envolveu o templo de Medinet Habu enquanto mídia e espaço veiculador de ideias e memórias. Um ciclo que se fecha a partir de uma rica documentação que ainda tem muito a ofertar,

senão sobre o reinado de Ramessés III e a ascensão de Ramessés IV, mas sobre a própria história do Egito Antigo.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Jan. **Cultural memory and early civilization: writing, remembrance, and political imagination**. New York: Cambridge University Press, 2011.

_____. Communicative and Cultural Memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Org). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin: Walter de Gruyter, 2008, p. 109-118.

_____. Collective Memory and Cultural Identity. **New German Critique**, N° 65, Cultural History/Cultural Studies, 1995, p. 125-133.

CALLENDER, Gae. The Middle Kingdom Renaissance (c.2055-1650 BC). In: SHAW, Ian (org.). **The Oxford History of Ancient Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 148-183.

CARDOSO, Ciro F. S. Construção de Monumentos Régios e Simbolização do espaço no antigo Egito (Reino Novo, séculos XVI-XI a.C.). **Revista Mundo Antigo** (NEHMAAT-UFF/PUCG), Campos dos Goytacazes (RJ), ano 1, v.1, n°1, p. 29-54, Junho, 2012.

CHABY, Richard; GULDEN, Karen. **Mots et Noms de l’Égypte Ancienne – Volume 2: Français-Egyptien**. Norderstedt: Books on Demand, 2014.

EDGERTON, William F. The Strikes in Ramses III’s Twenty-Ninth Year. **Journal of Near Eastern Studies**, Vol. 10, n° 3, p. 137-145, Julho, 1951.

EYRE, Christopher J. Society, Economy, and Administrative Process in Late Ramesside Egypt. In: CLINE, Eric H; O’CONNOR, David. **Ramesses III: The Life and Times of Egypt’s Last Hero**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2012. p. 101-150.

FABRICIO, Arthur Rodrigues. **O complexo de culto real de Ramessés III: espaço e memória na XX Dinastia do Antigo Egito**. 2016. 661f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

FRANSEN, Paul J. Editing Reality: the Turin Strike Papyrus. In: ISRAELIT-GROLL, Sarah. **Studies in Egyptology**, vol. 1. Jerusalem: Magnes Press, 1990, p. 166-199.

GRANDET, Pierre. **Le Papyrus Harris I**. Volume 1. Cairo: Institut Français d’Archéologie Orientale, 2005a.

_____. **Le Papyrus Harris I**. Volume 2. Cairo: Institut Français d’Archéologie Orientale, 2005b.

_____. **Ramsès III: Histoire d’un règne**. Paris: Éditions Pygmalion, 1993.

HORNUNG, Erick; KRAUSS, Rolf; WARBURTON, David. **Ancient Egyptian Chronology**. Leiden: Brill, 2006.

HORNUNG, Erik. O Rei. In: DONADONI, Sergio. (org.) **O Homem Egípcio**. Lisboa: Editorial Presença, 1994, p. 239-262.

KITCHEN, Kenneth A. Ramesses III and the Ramesside Period. In: CLINE, Eric H; O'CONNOR, David. **Ramesses III: The Life and Times of Egypt's Last Hero**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2012, p. 1-26.

_____. **Ramesside Inscriptions Volume V: Translations**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

O'CONNOR, David. The Mortuary Temples of Ramesses III at Medinet Habu. In: CLINE, Eric H; O'CONNOR, David. **Ramesses III: The Life and Times of Egypt's Last Hero**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2012, p. 209-270.

REDFORD, Susan. **The Harem Conspiracy: the murder of Ramesses III**. Dekalb, Illinois: Northern Illinois University Press, 2008.

SNAPE, Steven R. The Legacy of Ramesses III and the Libyan Ascendancy. In: CLINE, Eric H; O'CONNOR, David. **Ramesses III: The Life and Times of Egypt's Last Hero**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2012, p. 404-441.

VAN DIJK, Jacobus. The Amarna Period and the Later New Kingdom (c.1352-1069 BC). In: SHAW, Ian. **The Oxford History of Ancient Egypt**. United States: Oxford University Press, 2004, p. 272-313.

WILKINSON, Richard H. **The Complete Temples of Ancient Egypt**. London: Thames & Hudson, 2000.

ZINK, Albert R., et al. Revisiting the harem conspiracy and death of Ramesses III: anthropological, forensic, radiological, and genetic study. **British Medical Journal**, London, vol. 345:e8268, p.1-9, dez., 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72

B

Beowulf 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167

C

Cinema 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Cocanha 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

E

Economia 12, 14, 15, 20, 39, 42, 44, 45, 56, 57, 59, 60, 84, 86, 92, 96, 97, 104, 105, 169, 172, 173

Egito 116, 117, 121, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132

Entorpecentes 46, 48, 49, 53

Escassez de Água 81, 90

G

Governo da Província 39, 44

H

Hegemonia Neoliberal 95

História 1, 10, 12, 14, 28, 37, 39, 44, 45, 53, 56, 62, 71, 79, 81, 82, 93, 103, 106, 114, 115, 116, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 149, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 167, 168, 180, 182

História Ambiental 81, 82, 93

História Serial 141, 142

I

Idade Média 157, 168, 169, 172, 173, 175, 180, 181

Identidade Nacional 51, 80, 142

Imperialista 33, 56, 57, 61

Indígenas 74, 77, 78, 79, 84

M

Migração 14, 27, 90, 95, 108, 110, 114

Modelo Nomológico-Dedutivo 134, 137, 138, 139

Morte 75, 117, 124, 125, 126, 128, 131, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 158, 159

N

Nacionalismo 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 61, 142

P

Presença Lusitana 149, 150, 151

T

Testamentos 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Tráfico 46, 48, 49, 50, 51, 54, 55

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2